

A BATALHA ESQUECIDA



Setembro de 1944. A Operação Market-Garden é lançada, visando penetrar diretamente na Alemanha através de Arnhem, na Holanda (Países Baixos uma ova!). Um planador desta operação é forçado a pousar na ilha de Walcheren, deixando alguns soldados britânicos presos atrás das linhas inimigas. Enquanto isso, um adolescente holandês acidentalmente causa a morte de três soldados alemães, criando uma trágica cadeia de eventos. Entre as tropas alemãs está um soldado holandês que agora começa a questionar onde está a sua lealdade.

O foco desta obra está evidentemente no drama humano relacionado à ocupação nazista e a guerra na Holanda, o que me leva a perguntar o que um planadorista inglês está fazendo nele, já que ele não serve para nenhum propósito para o enredo do filme (apenas para fazer menção à Market-Garden?). A atuação em geral foi magnífica, cheia de emoção e autenticidade. Os personagens são bem trabalhados, o que não é muito comum em filmes de guerra. A bela fotografia e a trilha sonora sem dúvida valorizam a obra; os cenários, figurinos e equipamentos são quase sempre perfeitos. As cenas de batalha foram muito bem realizadas (principalmente as do front russo). Não se pode negar que toda a produção é impressionante, o que justifica ser um dos filmes holandeses mais caros já feitos.

Mas tudo isso é jogado no lixo devido a um roteiro simplesmente horrível. O foco em três perspectivas totalmente desconectadas faz o ritmo do filme parecer confuso e arrastado. A direção e a edição falham grosseiramente em explorar momentos de tensão, o que teria pelo menos atraído maior atenção do público. Existe uma sequência inesgotável de absurdos absolutamente gritantes (são tantos que não vou mencioná-los aqui – veja na parte dos “Furos”). Todos os personagens britânicos agem como idiotas – Turner (Felton) acredita na palavra do beicudo do William (Flatters) de que o pai deixou ele ir na missão sem nem conferir; já os paraquedistas na Holanda agem como completos imbecis e não como soldados treinados. E a moderna necessidade de lacração botou as duas jovens holandesas discretamente como namoradas, o que era extremamente raro ao tempo da 2ª Guerra Mundial.

Resumindo, “A Batalha Esquecida” é um filme muito equivocado e que merece ser esquecido. No final, ainda faz uma sutil reclamação de que os aliados demoraram a libertar a Holanda. Fica a lição: se você não luta pela sua liberdade, não reclame que os outros não façam isso por você.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: "De Slag om de Schelde".

Elenco: Gijs Blom, Jamie Flatters, Susan Radder e Tom Felton.

Diretor: Matthijs van Heijningen Jr.

Ano: 2020.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- Filmar as cenas de batalha na Holanda acabou sendo quase impossível devido a todos os tipos de questões ambientais (animais selvagens que não podiam ser perturbados, nenhuma permissão para efeitos explosivos etc.). Outro problema foi que moinhos de vento modernos foram colocados em torno do local original da batalha e o dinheiro gasto na remoção digital deles seria melhor gasto na adição de aviões ou aldeias destruídas. O problema foi resolvido indo para a Lituânia, que oferece benefícios fiscais para produções cinematográficas. Um terreno foi alugado lá de um fazendeiro, que disse à produção que eles poderiam fazer o que quisessem. Uma barragem inteira foi construída lá especificamente para a cena da batalha.

- A sequência de abertura do filme acontece em 5 de setembro de 1944, um dia que mais tarde foi apelidado de *Dolle Dinsdag* ("terça-feira louca"). As forças aliadas avançaram pela Bélgica rapidamente, tendo libertado Antuérpia um dia antes; espalharam-se rumores de que libertariam a província holandesa de Zeeland no dia seguinte. Em antecipação, o Exército alemão bateu em plena retirada, enquanto a população aguardava ansiosamente a chegada dos aliados. Em vão, como se viu, uma vez que os aliados careciam de tropas e suprimentos para continuar o seu avanço.

- A metralhadora pesada alemã MG42 era universalmente temida pelos soldados aliados. Ela podia disparar 1.500 tiros por minuto e foi apelidada de "serra de Hitler", porque seu poder de fogo poderia facilmente "serrar" corpos. Quando o designer de som Herman Pieëte soube que os veteranos sobreviventes descreveram seu som como "rasgando linho", ele misturou os sons reais de rasgar linho e papel na trilha sonora.

- Sendo este um filme holandês com um orçamento de 14 milhões de euros, o diretor Matthijs van Heijningen Jr. economizou dinheiro fazendo diversos ensaios da cena de batalha apenas com os atores e dublês, sem a equipe de gravação. Isso permitiu que ele coreografasse completamente a ação antes das câmeras rodarem, conseguindo filmar a cena em apenas três dias.

- O design de som do filme era extenso: um filme holandês médio continha cerca de 500 a 600 faixas de áudio separadas, enquanto este filme tem bem mais de 1.700. Alguns sons foram arranjados por Charles Maynes, que havia sido editor de efeitos sonoros em "Tropas Estelares" (1997) e designer de som em "Cartas de Iwo Jima" (2006). O som do tanque russo T-34 teve que ser comprado.

- Foi o segundo filme mais caro da história holandesa, com um orçamento de 14 milhões de euros, atrás apenas de "A Espiã" (2006), de Paul Verhoeven, que custou cerca de 16 milhões de euros. No entanto, estabeleceu um recorde para a cena holandesa mais cara: para a sequência em que o planador é derrubado, uma cópia de um Airspeed Horsa foi construída e caiu em um pedaço de terra inundada, ao custo de 1,2 milhão de euros. O avião foi posteriormente reparado e doado ao Museu da Guerra em Best.

- O título original holandês é "De Slag om de Schelde", traduzindo, "A Batalha do Escalda".

- A maioria dos principais personagens holandeses está falando em um dialeto chamado *Zeeuws* (zeelandês).
- Este filme se concentra na batalha pelo *Sloedam* no Leste de Walcheren. A batalha de Walcheren foi travada em mais duas frentes, no Sul e no Oeste, onde ocorreram desembarques anfíbios.
- Foi o segundo longa-metragem do diretor Matthijs van Heijningen Jr., lançado dez anos depois de “A Coisa” (2011).
- Este é o segundo filme da 2ª Guerra Mundial com Tom Felton. O primeiro é “Contra o Sol” (2014).
- Foi anunciado em novembro de 2019 que a Netflix também coproduziria, tornando “A Batalha Esquecida” o primeiro filme holandês da Netflix.
- A produção do filme foi concluída pouco antes da segunda medida de lockdown devido à pandemia de COVID-19 de 2020 entrar em vigor. O filme foi originalmente programado para ser lançado em dezembro de 2020, em um esforço para aumentar os resultados cada vez menores das bilheterias holandesas, mas o aumento no número de pacientes com COVID forçou os cinemas a fechar no dia da estreia programada do filme. Os produtores tiveram que adiar o lançamento até maio de 2021.
- Aqui no site do **SOMNIUM** nós temos o wargame dessa batalha – a quem interessar possa: https://www.clubesomnium.org/files/ugd/30f511_ebb4dde51b9940559858f47027d3c516.pdf

FUROS:

- Os gráficos de abertura da Invasão da Normandia (06/06/1944) mostram a moderna bandeira canadense, que só foi adotada a 16/02/1965. Em 1944, a bandeira canadense era primordialmente vermelha, com a Union Jack em um canto e um brasão.
- Eu me pergunto que espécie de imbecil ficaria tirando fotos dos alemães em retirada, praticamente tirando sarro da cara deles. No mundo real, provavelmente aconteceria coisa muito pior do que simplesmente ter a câmera destruída.
- No início do filme, podem ser vistos postes de metal na calçada. Eles são para evitar que os carros estacionem na calçada. Esse problema não existia na época da 2ª Guerra Mundial.
- Durante o *briefing* na base aérea britânica, o oficial diz que os holandeses estão há “quase” quatro anos sob ocupação alemã. A Holanda foi ocupada em maio de 1940 e o filme se passa em setembro de 1944, portanto, o certo é “há mais” de quatro anos.
- O planador com destino a Arnhem levava apenas dois pilotos e três soldados (um Horsa podia levar 2 pilotos e 25 soldados).
- Paraquedistas britânicos altamente treinados e motivados desertaram sem qualquer ameaça real.
- O planadorista britânico caiu em Walcheren durante a Operação Market-Garden (17/09/44) e retornou às linhas aliadas a tempo do ataque à ilha (31/10/44), ou seja, ele perambulou pela retaguarda alemã por mais de quarenta dias? É sério?
- O paraquedista britânico consegue retornar às linhas aliadas e imediatamente é transformado num infante canadense – isso simplesmente não acontece!
- O médico holandês acha que pode “fazer um acordo” com o oficial alemão, pois, pelo jeito, quatro anos de ocupação nazista não bastaram para ele entender como “a banda toca”.
- Na primeira cena com o tanque T-34 soviético, ele dispara a metralhadora do casco à direita na tela. Da próxima vez que o mesmo tanque é visto atirando, a metralhadora agora está à esquerda, que é o certo.

- O ataque através do dique é feito sem nenhuma preparação de artilharia (nem sequer morteiros ou fumaça), nem apoio blindado.
- Os membros da resistência ficam esperando tranquilamente em casa enquanto sabem que um cara que os conhece foi preso pelos nazistas.
- As cenas com aviões em computação gráfica são realmente maravilhosas, mas cometem um erro crasso: podemos ver um “congestionamento aéreo” com aviões C-47, Halifax, Spitfire e planadores Horsa, todos a cerca de cinco metros um do outro, o que seria impossível.
- Quando Marinus (Blom) encontra Teuntje (Radder) na rua para lhe contar que seu irmão denunciou os companheiros da resistência, ele diz claramente para ela “Não olhe para mim”. Alguns segundos depois, ela faz exatamente o que ele disse para ela não fazer.
- Ainda nessa cena, o fato de Marinus (Blom) ser visto com Teuntje (Radder) na rua não seria um flagrante de deslealdade de Marinus. Ele poderia dizer (se tivesse chance para isso) que ela o abordou na rua e que ele não disse nada. Isso só seria válido se o *Oberst* Berghof (Justus von Dohnányi) já estivesse desconfiando dele, o que não é evidenciado no filme.
- Como os alemães sabiam que Dirk (Ronald Kalter) conhecia os membros da resistência? Para todos os efeitos, ele era só um idiota que havia jogado uma pedra num caminhar.
- Os capacetes que a infantaria canadense usa são de um design britânico da década de 1950, que foi lançado após a 2ª Guerra Mundial.
- Os paraquedistas britânicos mostram uma surpreendente falta de disciplina (para não falar em bom senso). Acender uma fogueira, usar lanternas e permitir que fumaça saia pela chaminé teriam revelado a sua posição muito facilmente.
- Um rastro de avião a jato moderno de alta altitude é visível no céu.
- William (Flatters) começa o filme com o fuzil britânico Lee-Enfield No.4. Em algum momento depois, ele está carregando um Lee-Enfield No.1 Mk. III, que ele leva para a batalha. Durante as cenas de batalha, ele é mostrado alternadamente carregando um fuzil e depois o outro.
- O canhão antiaéreo de 88 mm, que está em uma posição defensiva há dias, tem que ser reapon-tado assim que o avanço canadense começa. Aparentemente, eles esqueceram de apontá-lo para o dique (o único lugar de onde um ataque poderia vir) quando o instalaram.
- A cinta de metralhadora muda do lado direito para o lado esquerdo de cena para cena.
- Quando Marinus (Blom) desce ao porão seguindo os gritos, um moderno botão de alerta de incên-dio pode ser visto ao fundo, em torno da altura da cabeça em um batente de porta, que permanece reconhecível apesar do fundo desfocado.
- Quando os canadenses cruzam a barragem, eles atacam os alemães de Leste para Oeste. A cena mostra um sol nascente no Sul, enquanto deveria estar atrás deles.
- Nenhum dos pilotos tem suas asas de pilotos de planador em suas batas Denison ou uniformes.
- Um Horsa que perde metade da asa se transforma num bólido incontrolável.
- Por alguma razão indecifrável, o oficial que comanda os canadenses pertence à 52ª Divisão “Lowland” britânica, que não estava nesse setor da frente.
- Quando os canadenses se aproximam do dique pouco antes do primeiro ataque, todos são canho-tos – estão com as mãos esquerdas nos gatilhos dos fuzis. Na próxima cena, todos são destros.

- Quando Fisher (Pit Bukowski) se apresenta a Marinus (Blom) no hospital, ele afirma que é um *Oberleutnant* (Primeiro-Tenente), enquanto usava um uniforme SS com as insígnias de *SS-Scharführer* (NCO) e braçadeira do posto *SS-Sturmmann* (alistado). O posto de *Oberleutnant* só existia dentro do *Heer* (Exército) e o equivalente nas *Waffen-SS* seria *SS-Obersturmführer*.

- O oficial alemão, ao se dirigir a seus homens antes da batalha, refere-se ao "Reduto de Hitler". O certo seria ele dizer *Führer*. Simplesmente usar o nome Hitler teria sido bastante desrespeitoso e impensável para soldados fanáticos determinados a lutar.

- Os colegas de trabalho de Teuntje (Radder) observam das janelas do prédio da prefeitura enquanto a frota de aviões de reboque e planadores passa por cima. A Operação Market-Garden ocorreu no dia 17/09/1944, um domingo, e ninguém estaria trabalhando.

- Quando Marinus (Blom) está sendo informado de que ele vai voltar para a Holanda, ele se dirige ao militar como *Hauptmann* (Capitão). No entanto, o homem está vestindo um uniforme de *Unteroffizier* (NCO).

- O médico canadense que atende Janna (Marthe Schneider) está com as mãos imundas e pretas. É um médico ou um mecânico?

- Os canadenses conseguem vencer a batalha depois que quatro barquinhos (eu contei, eram só quatro), com meia dúzia de gatos pingados, atravessam o rio e não tem nem um alemão de vigia pra dar o alarme. Me engana que eu gosto.

- Marinus (Blom) é um voluntário holandês das *Waffen-SS*. No entanto, na Holanda ele usa o uniforme da *Wehrmacht*, não das *Waffen-SS*. Um soldado das *Waffen-SS* nunca seria designado para uma tropa do Exército, nem mesmo como punição.

- Uma das cenas finais, além de ridícula, é particularmente notável por reunir alguns equívocos deste filme. A cena em que Marinus (Blom) encara William (Flatters). De um lado, um holandês em uniforme alemão e de outro um inglês em uniforme canadense. Por motivos já descritos acima, nenhum dos dois deveria estar ali.